

Confronto se agrava em área indígena

José da Costa Marques

PIMENTA BUENO (RO) — Os índios suruí prometem invadir hoje a administração regional da Funai, no município de Pimenta Bueno, 600 quilômetros a sudeste de Porto Velho (RO), em mais um capítulo do movimento desencadeado semana passada pelos índios cinta-largas, suruí, araras, gaviões e parte dos zoro para tentar expulsar os posseiros invasores de suas terras, que vão de Aripuanã, em Mato Grosso, a Rondônia.

Segundo o cacique suruí Itabira, a invasão será uma represália à atitude do superintendente regional da Funai, Nilson Campos Moreira. "Ele não mandou investigar o desaparecimento de Iaminé e ainda nos chamou de mentirosos", protesta Itabira, referindo-se ao companheiro suruí, desaparecido há oito dias, quando houve um confronto armado entre índios e madeireiros.

Itabira disse que seu povo já estava reunido sábado na altura da Linha 11 — estrada que corta a reserva — preparando-se para a invasão. Eles pretendiam sair da reserva ao amanhecer, em direção à sede da Funai, armados de flechas e bordunas. Segundo o líder indígena, a Funai está tentando desmoralizar os índios pelo fato de ter sido divulgado, primeiramente, que cinco suruí e um cinta-larga haviam morrido no confronto com madeireiros, quando na verdade apenas um deles, o suruí Iaminé, continua com o paradeiro ignorado. Já o superintendente da Funai, Nilson Campos, disse que se o índio não fosse localizado até ontem seria dado como "desaparecido".

Madeiras nobres — A situação é muito tensa. Na região de Aripuanã, extremo noroeste de Mato Grosso e parte de Rondônia, em área de mais de três milhões de hectares, ricos em madeiras nobres como mogno, cerejeira e cedro, cerca de dois mil índios das nações Zoro, Cinta-larga, Suruí, Gavião e Arara vivem espremidos entre madeireiros, posseiros e garimpeiros. O pano de fundo no conflito é uma intrincada teia de relações, que entrelaça a pressão econômica das empresas madeireiras, interessadas, no produto natural, a omissão das autoridades fundiárias que não resolvem as disputas agrárias, a incapacidade da Funai em garantir a integridade das reservas e a cooptação de lideranças indígenas, que ganham muito dinheiro com a venda das toras.

As invasões são frequentes e apenas na localidade de Paraíso da Serra, que fica dentro da área indígena Zoro,

vivem hoje cerca de 300 famílias de posseiros. A área Zoro, demarcada em 1985 mas ainda não homologada, é uma das mais expostas a invasões de posseiros, madeireiros e garimpeiros. Mês passado, a situação agravou-se com a decisão do cacique Paiô, cooptado por madeireiros, de vender parte da reserva. Ele chegou a assinar um documento, sem qualquer valor legal, com representantes do madeireiro Américo Minotti, que em troca construiria uma estrada e doaria veículos, alimentos e roupas.

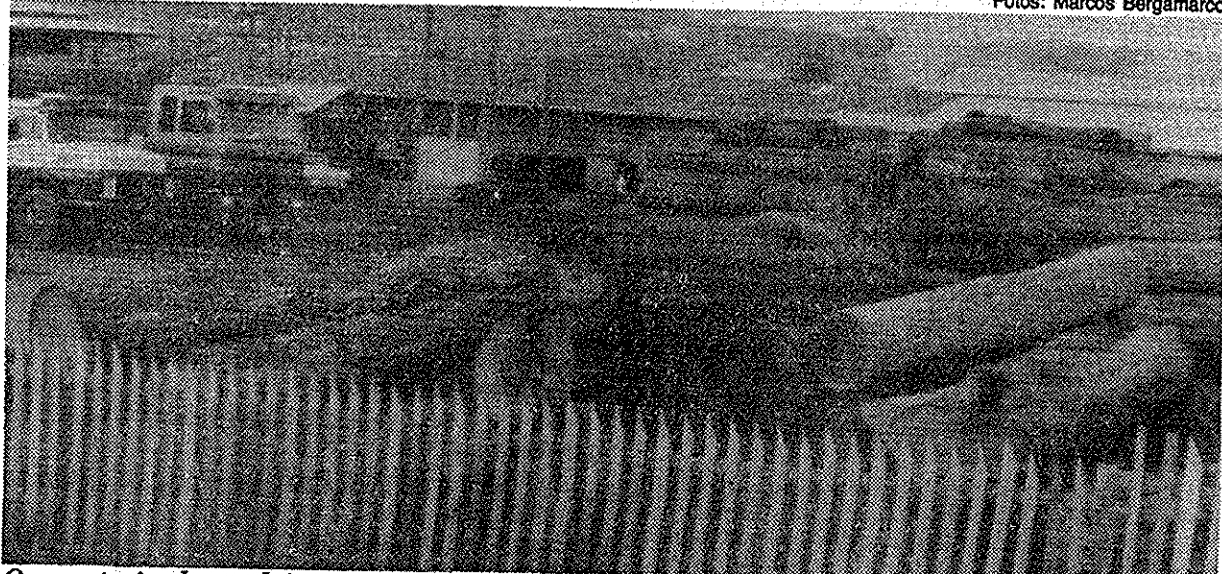
Contra a venda — Informados da situação, índios suruí, cinta-larga, arara e gavião, uniram-se contra a venda das terras. Cerca de 300 índios armados decidiram percorrer praticamente toda a fronteira oeste de suas reservas para expulsar os invasores, tanto madeireiros como posseiros e garimpeiros.

A tensão na área atingiu seu clímax na semana passada. Os índios queimaram uma casa de colono, prenderam e espancaram peões de madeireiras. No domingo retrasado, cinco suruí e um cinta-larga foram atacados pelos ocupantes de uma caminhonete Toyota que, segundo a versão dos índios, pertence ao madeireiro Minotti, apontado por eles como o principal mandante das invasões. Como saldo dos incidentes, há 16 colonos e um índio, o cacique suruí Iaminé, desaparecidos.

Os incidentes provocaram a ida para a área do superintendente regional da Funai, Nilson Campos Moreira, com uma equipe de funcionários e 10 policiais federais. Na sexta-feira passada, depois de quase uma semana percorrendo a área, a equipe só tinha conseguido apreender alguns equipamentos utilizados por madeireiro. A Funai decidiu também instaurar inquérito policial federal para apurar o envolvimento do madeireiro Américo Minotti, acusado de "incitamento a invasões e arrendamento de terras indígenas".

As áreas indígenas estão ameaçadas não só pelo roubo como pela comercialização "legal" das madeiras, através de contratos firmados diretamente entre índios e madeireiros. Sem a malícia dos brancos, os índios acabam vendendo a madeira a preços inferiores aos de mercado e os lucros nem sempre são revertidos em benefícios da comunidade. Algumas lideranças indígenas, como os cinta-larga Uita Mina, também conhecido por Roberto Carlos, e Lacossa Pio, hoje andam de Santana, têm motorista particular e são acusados de receberem milhões de cruzados das madeireiras.

Fotos: Marcos Bergamario



O comércio de madeiras nobres, como o cedro e o mogno, estão na origem da disputa



O cacique Henrique: contra a venda

Responsabilidade é da Funai, diz antropóloga

Para a antropóloga Betty Mindlin, que integrou a equipe da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) da Universidade de São Paulo (USP), encarregada de fiscalizar o programa Polonoeste na região, a culpa é da própria Funai, "que pressiona os índios a vender suas madeiras e não fiscaliza a aplicação dos recursos e nem orienta os índios na hora de fechar os contratos". Betty, que é contra a venda de madeira, diz que o problema começou a se agravar a partir de 1984 e em 1985 o Banco Mundial pressionado chegou a cortar seus financiamentos ao Polonoeste. Na avaliação da antropóloga Betty Mindlin, só em 1987 foram retirados da reserva suruí mais de dois milhões de dólares de madeira, "porque a Funai não controlava a comercialização e o dinheiro era aplicado em coisas inúteis".

O movimento que reuniu os cinta-larga, suruí, zoro, araras e gaviões reflete uma mudança na posição das lideranças indígenas que hoje já não consideram um bom negócio vender suas madeiras. Os suruí, por exemplo, destituíram duas de suas lideranças porque venderam madeira no ano passado. As novas lideranças, como o jovem cacique suruí Henrique Yabaday, 22 anos, são contra a venda de madeiras e querem a expulsão de todos os invasores de sua área. "A Funai deixa os garimpeiros e madeireiros entrar na nossa terra, por isso quem deve estar pegando dinheiro é o pessoal da Funai. Os índios estão abandonados, não tem dinheiro para nada e foi por isso que venderam suas madeiras", diz Henrique, durante conversa em sua aldeia, onde se recuperava dos ferimentos causados durante os incidentes com os madeireiros e posseiros.

Em bom português, Henrique diz que "a Funai tem que tomar uma providência para tirar os invasores, ela não é cega, sabe que estão invadindo nossas terras". Nos próximos dias, segundo Henrique, as cinco nações envolvidas nos conflitos voltarão a se reunir "para pressionar a Funai, vamos lutar juntos porque temos o mesmo sangue". (J. C. M.)



Roberto Carlos: vantagens pela ajuda

Madeiras procuram cooptar com dinheiro

O cinta-larga Uita Mina, ou Roberto Carlos, vive hoje a maior parte do tempo em Riozinho, um distrito do município de Cacoal (RO), onde a Funai mantém a Casa do Índio. Mora numa casa modesta mas confortável, típica da classe média. Não falta nem mesmo TV a cores e outros eletrodomésticos. Para se deslocar em Riozinho ou então para cidades vizinhas como Pimenta Bueno e Cacoal, ele utiliza um Santana, com motorista particular, tudo pago por madeireiras. É uma tática inteligente das madeireiras, ou são inúmeras na região, para cooptar lideranças indígenas e convencê-las a vender suas madeiras. Nos últimos tempos, mais experientes, essas lideranças passaram a contratar pessoas do ramo madeireiro para orientá-las melhor na hora de fazer o negócio.

O também cinta-larga Lacossa Pio é outro que "ganhou" um Santana com motorista particular pago pelas madeireiras. Ele conta que antes as comunidades indígenas nem mesmo fiscalizavam a extração das madeiras, mas garante que hoje tudo é fiscalizado e cobra-se os praticados no mercado. Homem de poucas palavras, Pio anda bem vestido, usa óculos escuros e tem como seu defensor o superintendente da Funai, Nilson Campos, para quem Pio é uma das poucas lideranças que vendem madeira e aplicam o dinheiro em benefícios para sua comunidade.

Mas até mesmo essas lideranças hoje já têm uma posição diferente em relação à venda de madeiras. Roberto Carlos, por exemplo, estava entre os índios que, na semana passada, tentaram expulsar os posseiros e madeireiros das reservas zoro. O suruí Anime, que foi destituído da condição de cacique por ter vendido madeiras, hoje pensa diferente: é totalmente contra a venda e acusa a Funai. "Se a Funai não faz contra os madeireiros, ela então está apoiando. O próprio presidente da Funai, o Juca, assinava contratos com madeireiras. Nós vendemos porque a Funai não dava apoio nenhum", diz Anime. (J.C.M.)